



ALÉM DA PÁGINA: UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA CONTEMPORÂNEA, A PARTIR DA OBRA DE RICARDO LÍSIAS

Renata F. Magdaleno (Uerj)

RESUMO:

Esta comunicação tem como objetivo analisar a obra que o escritor brasileiro Ricardo Lísias vem desenvolvendo, focando no romance *Divórcio*, publicado em 2013, suas estratégias de divulgação e algumas declarações publicadas na imprensa na época do lançamento do livro. A intenção é pinçar os textos do autor, como exemplo de toda uma vertente da produção brasileira contemporânea. A partir dessa atitude, refletir sobre as fluidas fronteiras entre os textos ficcionais e a crítica literária (textos ficcionais podem adquirir status de crítica literária? Essa característica se liga a toda uma tradição que mescla outros gêneros com o ensaio?) e a forma como algumas publicações podem adquirir o status de performance (Para atrair o público leitor em um mercado cada vez mais competitivo? Pinçando uma tradição das artes plásticas? Movidos pelo estímulo e possibilidades de novas tecnologias?). Teóricos de Brasil e Argentina, como Florencia Garamuño e Flora Süssekind, por exemplo, são utilizados para enriquecer a reflexão.

PALAVRAS-CHAVE:

Ricardo Lísias. Crítica literária. Performance. Literatura contemporânea.

INTRODUÇÃO:

Uma literatura bem-comportada. Na época do lançamento do romance *Divórcio*, o escritor Ricardo Lísias, em entrevista para o portal G1, atacou os autores brasileiros que não incomodam e defendeu que a literatura deve levar à reflexão, discutir a sociedade e seus espaços de poder¹. Na obra que vem construindo, Lísias distribui críticas ao mundo acadêmico (como em *O livro dos mandarins*, de 2009), à literatura, seus mecanismos de produção, de divulgação e aos autores que escrevem romances “límpidos” (como no conto “Fisiologia da solidão”, de 2010), à imprensa (como em

¹ “Creio que haja no Brasil uma ficção bem comportada em termos formais e que não cria nenhuma tensão com a sociedade e nem discute nenhum espaço de poder. É uma ficção que, embora vista como se fosse ‘literatura’, não incomoda ninguém, o que acaba inclusive facilitando sua recepção imediata. Creio que inclusive exista mesmo quase um gênero no Brasil, o da “ficção que não incomoda”.

g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/tag/divorcio/ (consulta em janeiro de 2014)

Divórcio, de 2013), às burocracias do judiciário (em *Inquérito policial*, 2016). Está constantemente refletindo sobre a função da literatura, seus limites e o papel do escritor nos dias de hoje. Dessa forma, vem construindo uma obra que ocupa também uma posição de crítica literária.

A partir do romance *Divórcio*, esta comunicação pretende refletir sobre a maneira como uma obra ficcional pode adquirir status de crítica literária e como, ao quebrar as mais diversas fronteiras, a literatura contemporânea acaba por preencher também essa função. Ao mesmo tempo, toda a análise tem por objetivo pensar sobre os formatos e rumos que a crítica adquire na contemporaneidade, usando para isso o pensamento de alguns teóricos de Brasil e Argentina, como, por exemplo, Florencia Garramuño e Flora Süssekind.

Uma literatura que transborda. No artigo “Ricardo Lísias: versões de autor”, Luciene Azevedo percorre seus textos um a um para detectar que, a partir de 2010, a produção do escritor passou a não respeitar mais fronteiras. *Divórcio*, por exemplo, é um romance, um diário, um desabafo, uma análise da literatura, uma ficção, uma crítica literária. Parece retratar uma realidade vivida pelo autor – a separação depois de apenas quatro meses de casamento, após encontrar um diário, onde a esposa faz sérias críticas ao marido que escolheu –, e essa mescla entre ficção e realidade foi o tema mais comentado nas resenhas, entrevistas e matérias que o romance inspirou na época de sua publicação. Mas em vários pontos do livro, o narrador, que se chama Ricardo Lísias, reforça a ficção, alimentando o jogo. “Não estou tratando de uma pessoa em particular. Minha ex-mulher não existe: é personagem de um romance”².

Além disso, os romances e diferentes textos que produziu se interligam. Em *Divórcio*, por exemplo, ele fala do suicídio de seu amigo André³, tema de *O céu dos suicidas*, cita a escrita de *O livro dos mandarins*, comenta contos e acontecimentos que fazem parte de outros livros. Há personagens e cenas que se repetem. Como se o livro não terminasse na última página, fosse deixando rastros incorporados por outros textos, como se tudo fizesse parte da memória desse narrador-escritor. Ao fechar um livro, o

² Lísias, 2013, p.128

³³ Em entrevistas e matérias publicadas na imprensa, ele reforça que realmente teve um amigo chamado André que se suicidou, trabalhando também entre a realidade e a ficção, como na matéria publicada pelo jornal *O Globo* em 28 de abril de 2012.

<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2012/04/28/ricardo-lisias-a-arte-de-perder-442383.asp>

acontecimento não some totalmente da lembrança, já que o narrador das histórias passou a ser o escritor Ricardo Lísias.

O autor usa ainda formas alternativas de divulgação de sua produção, enviando, por exemplo, parte de seus textos para uma lista de leitores selecionados. Em algumas ocasiões os textos ganharam uma produção artesanal, em outras, parte da narrativa estava presente nas mídias sociais. Nestes casos, é como se a literatura transbordasse também do objeto livro e contaminasse outros suportes. Uma literatura performance.

Em *Delegado Tobias*, por exemplo, a história foi sendo publicada aos capítulos, em curtos e-books, que o leitor podia ir adquirindo aos poucos. Mas a trama, que trata do próprio assassinato do autor e tem o escritor também como suspeito, numa reflexão extrema sobre essa personalidade múltipla, se estendeu pelo Facebook. Na rede social, o delegado Tobias tinha um perfil, que interagiu com o do próprio escritor.

Além de o processo sugerir uma reflexão crítica sobre a relação da produção artística contemporânea com um acirrado mercado editorial, o texto acaba ganhando um status de *performance*.

Uma obra que extravasa também os seus limites físicos. *Inquérito policial*, por exemplo, livro inspirado na acusação que o autor recebeu em 2015 por ter, teoricamente, divulgado em um de seus romances um documento oficial, cópia de forma exata o formato de um inquérito. O texto só pode ser encomendado pela internet e o leitor recebe uma apostila, com papéis anexados, provas de uma investigação criminal. Em cada documento, pequenas narrativas de membros de uma mesma família. O conjunto de papéis compõem a história do romance.

O autor ainda divulga constantemente sua rotina nas redes sociais. Uma agenda cada vez mais lotada de encontros com leitores, compromissos profissionais que se misturam com fotos de família e reflexões sobre política. Toda a iniciativa interfere e contribui para a interpretação dos textos, já que gera uma reflexão sobre as atitudes que um escritor precisa adotar nos dias de hoje para driblar pressões de mercado e imprensa. Toda uma gama de demandas que atingem os autores contemporâneos.

É por todos esses motivos que a obra de Ricardo Lísias parece tão interessante para refletir sobre a literatura desse século, porque o autor vem escrevendo textos que colocam em balanço a produção literária (Para que serve? Como agir? Qual a função do autor? Que pressões interferem na obra?), em um momento em que a própria parece estar em reavaliação.

Analisar seus textos em conjunto é levantar questões que extravasam sua obra. Os romances de Lísias estariam associados a uma tentativa de deixar a literatura menos comportada: em formatos e teor crítico? Eles poderiam ser classificados como performances literárias?

No Brasil, entre os primeiros registros de performance estão a do artista modernista Flavio de Carvalho. Em 1931, ele realizou em São Paulo o que chamou de experiência número 2: caminhou de chapéu em sentido contrário a uma procissão de Corpus Christi no Centro da cidade. O movimento é significativo e indica a tentativa de quebra de padrões, de andar contra os sentidos estipulados. Um simples ato que faz pensar e chama a atenção do público.

Para Renato Cohen (2004), a definição de performance está associada a uma experimentação artística, que evoca a participação da audiência, em um trabalho de resignificação e elaboração de novos sentidos do mundo. De acordo com a definição de Cohen e tomando a performance de Flavio Carvalho como uma reflexão sobre a própria iniciativa artística é possível chamar textos como os de Lísias, citados nessa comunicação, como performances literárias: quebram padrões, chamam a atenção do leitor e procuram desenvolver uma reflexão crítica sobre a própria literatura.

Análise de Divórcio: UMA HISTÓRIA EM DUAS PARTES

O início do romance *Divórcio* conta os primeiros momentos após a separação do narrador. Ricardo Lísias acredita que morreu, o trauma apagou da memória tudo o que ele viveu nos primeiros meses e só alguns flashes do período permanecem na lembrança. A impressão é de que ele se transformou em um dos personagens de seus romances, vagando pela cidade em meio a um surto. A ficção e a realidade se misturando de forma quase indissociável. A pele se descola do corpo e tudo o que acontece passa a ser experimentado por esse corpo exposto, sem proteção, supersensível.

A literatura adquire uma função quase terapêutica nesse primeiro momento. Escrever é uma tentativa de curar uma ferida interna.

A literatura serve-me em grande parte para isso: adoro ficar remexendo a linguagem, medindo todas as possibilidades e tentando entender até onde posso ir, para no final pesar o resultado e refletir para saber se o texto realmente me

expressa. É a maneira que tenho, silenciosa e discreta, de sair organizadamente da confusão que tantas vezes me assalta por dentro. (Lísias, 2013, p.37)

Uma reflexão que tira a literatura de um pedestal. Mas ao mesmo tempo pensa sobre sua função. Esta passa a ter um valor individual. Para este autor-personagem, serve para promover uma arrumação interna.

Enquanto na primeira parte do romance o personagem Ricardo Lísias está mergulhado em seu drama pessoal, completamente envolvido com os traumas da separação, a tentativa de cura, a raiva contra a ex-mulher e toda a categoria de jornalistas a qual ela pertence, a segunda parte é marcada por um certo distanciamento. Em vez de um personagem mergulhado em uma história, passamos a ver um escritor em atuação, revisando os seus escritos, pensando sobre a literatura, planejando o romance que escreve, refletindo sobre o mundo do jornalismo e a relação entre o escritor e a imprensa.

Analisando o seu próprio texto, o escritor-narrador pensa também sobre os limites da literatura. A mescla entre ficção e realidade está entre as características comentadas. A ficção pode parecer verossímil. Mas a vida, muitas vezes, parece completamente inverossímil. Não existem mais limites separando os dois lados.

A verossimilhança deixou de ser um imperativo da ficção. O mundo real não oferece mais bases sólidas. Mesmo a certeza de que não morri e acabei dentro de um romance meu precisou ser refeita através de tratamento psicanalítico. É um jeito que encontrei para continuar vivendo, dormindo e respirando mais ou menos como fazia antes da ficção inverossímil que foi meu primeiro casamento (Lísias, 2013, p.198)

A relação entre a imprensa e os escritores também ganha foco. O que é preciso fazer para ser publicado na mídia? Diante de um número enorme de lançamentos, como chamar a atenção dos jornalistas para seus escritos? Estas são algumas das questões que aparecem discutidas.

Lísias apresenta, portanto, um texto que faz, a todo momento, o leitor sair da leitura de uma história particular para reflexões mais abrangentes, que envolvem a literatura contemporânea.

No livro *A experiência opaca* (2012), Florencia Garramuño detecta que no limiar dos anos 70/80 as literaturas produzidas no Brasil e na Argentina apresentaram uma relação da obra com sua exterioridade. Momento em que aparece uma série de textos híbridos, que se sustentam num limite entre a realidade e a ficção, promovendo uma fusão entre real e imaginário, desestruturando gêneros. A obra de arte perderia, assim, seu caráter autônomo⁴, adquirindo uma estrutura aberta, contaminada pelo exterior e demonstrando uma forte preocupação na relação entre arte e experiência.

Apesar do período destacado, Garramuño não se refere a textos ligados ao período ditatorial, o que Flora Sussekind classificou no Brasil como “literatura verdade”. O que ela detecta é o surgimento de uma série de produções artísticas experimentais, que borram diferentes fronteiras e questionam os limites e valores do literário, principalmente na passagem dos anos 70 para os 80, como, por exemplo, romances de Clarice Lispector, como *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1969), e *Água viva* (1973), cheios de experimentações, que parecem impossíveis de definir.

É a forma como Clarice desestrutura os gêneros, bagunça os limites tradicionais, as categorias literárias (como autor, personagem, narrador etc.), produzindo romances quase inclassificáveis, com uma linguagem poética que liga o cotidiano da própria autora aos textos que produz, que chama a atenção. Uma obra que promove uma certa negação do prestígio literário, usando uma linguagem que parece muitas vezes descuidada, adotando como tema minúsculos acontecimentos diários. Uma literatura que não precisa dar conta de um grande projeto, que não tem a intenção de falar de uma realidade totalizante, mas que pode focar em pequenos dramas cotidianos ou em sentimentos despertados a partir da observação de cenas banais.

O que caracterizaria, portanto, o momento seria uma forte reflexão sobre a estética, até decretar uma espécie de suspensão da estética, questionando de forma intensa os limites da literatura. Um cenário que se intensificaria no fim do século XX e início do XXI.

A produção de Ricardo Lísias estaria interligada a este cenário descrito, como se representasse um exemplo de como a literatura contemporânea intensificou

⁴ Ela usa a noção de autonomia como “autorreferencialidade e centralização exclusiva na linguagem que se sustenta sobre uma forte antinarratividade” (Garramuño, 2012, p.44)

determinadas características que já aparecem nas produções do fim do século XX. Incorpora uma série de experimentações, ligando a obra a aspectos exteriores ao texto e promovendo debates que fazem os estudiosos da área repensarem definições para os textos literários. Além disso, apresenta um forte teor crítico, refletindo, por exemplo, sobre a função da literatura, o valor da obra, sua relação com o mercado.

Ao escrever um livro usando a justificativa de que precisa se curar do trauma da separação, ele questiona o próprio valor da obra. Como se dissesse que esta pode ser tudo e não precisa necessariamente ter um objetivo maior. Sua função pode ser, por exemplo, apenas a de organizar a confusão interna de um escritor com o coração partido.

Esse borrar de fronteiras aparece com força nos dois lados: na ficção que passa a ser produzida e nas críticas literárias que passam a ser publicadas. Estas também sofrem uma flexibilização no Brasil, a partir da década de 80, sofrendo influências dos meios de comunicação e da cultura de massa, pressões do mercado e dos estudos culturais.

Eneida Maria de Souza, no ensaio “Saberes narrativos”, acrescenta que a literatura e a crítica se distanciam de padrões científicos, que dominaram o século XIX e início do XX, para ocupar um terreno de experimentação na contemporaneidade. O terreno do sensível. Ao tirar essa capa de ciência da crítica literária ela deixa de se preocupar com a demonstração e a especulação e se concentra numa construção permanente do objeto literário, de resignificações. Experimentações que muitas vezes chegam também ao formato da escrita, provocando o leitor, quebrando padrões.

Pensar sobre o texto de Eneida, tendo em mente o exemplo de *Divórcio*, é aproximar os livros de ficção e os textos críticos, acabando com fronteiras definidas. O pensamento crítico não precisa estar limitado aos jornais para atingir um público mais abrangente, pode estar mesclado também nas obras literárias, contaminar outros suportes, extravasar o espaço de uma página (de um jornal, da tela de um computador, de um livro...) e, até, adquirir um caráter de performance. *Divórcio* é apenas um exemplo de uma série de textos que borram estes dois limites, promovendo um casamento entre a crítica literária e a ficção.

Referências bibliografia:

- AZEVEDO, Luciene. “Ricardo Lísias: versões de autor”. In: CHIARELLI, Stefania. DEALTRY, Giovanna. VIDAL, Paloma (orgs.). *O futuro pelo retrovisor: Inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GARRAMUÑO, Florencia. *A experiência opaca: Literatura e desencanto*. Rio de Janeiro: EduUerj, 2012.
- LÍSIAS, Ricardo. *Divórcio*. Rio de Janeiro: Alfaguarra, 2013.
- LUDMER, Josefina. “Literaturas posautônomas”. Disponível em: <<http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v17/ludmer.htm>>. Acesso em: 31 de maio de 2013.
- _____. “Notas sobre Literaturas Pós-Autônomas III”. Disponível em: <<http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/posautonomas3.html>>. Acesso em 31 de janeiro de 2014.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- _____. Saberes narrativos. In: *Revista semear 7*, Cátedra Puc-Rio. Disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/semiar_7.html>. Acesso em agosto de 2016.
- SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- _____. *Literatura e vida literária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.